

# PARCERIA FORTALECE O ENSINO PÚBLICO

*Participação constante dos pais nas decisões das escolas públicas melhora rendimento dos alunos e supera dificuldades materiais*

Humberto Rezende  
Especial para o **Correio**

**S**em esconder a satisfação, Nelson Gonçalves, 35 anos, aponta para o terreno coberto de cimento que em breve receberá as tra-

ves de futebol. "Vai ser a maior quadra em escolas da Ceilândia", antecipa.

A quadra fica na Escola Classe 2, onde os dois filhos de Nelson — Priscila, dez anos, e Tiago, nove — estudam. Juntos, pais e funcionários arrecadaram o dinheiro, carregaram o ci-

mento e deram ao colégio sua primeira quadra de esportes. Esse esforço coletivo demonstra que a escola pública pode melhorar com a participação direta da comunidade. Diretores de várias escolas no Distrito Federal celebram a parceria com os pais.

Em 1994, o índice de repetência em todas as séries no Centro de Ensino da 104 Norte era em torno de 50%. Depois que os pais passaram a participar regularmente das decisões da escola — com reuniões a cada dois meses — esse índice caiu para 10%.

"Antes, os pais vinham raramente à escola. Com as reuniões, passaram a se sentir mais responsáveis pela educação dos filhos", diz a diretora do colégio, Lêda Maria Rosal. A união da direção e da comunidade ajuda a escola a vencer suas dificuldades e aos pais a direcionar o ensino para aquilo que acham mais adequado.

Na escola da Asa Norte foi perguntado aos pais se eles gostariam que o ensino religioso fosse mantido ou se ele deveria ser optativo.

Como todos os pais responderam que gostariam que ele continuasse, as aulas ainda são dadas.

Na Escola Classe 2 da Ceilândia, eram comuns acidentes na hora do recreio. Os pais pediram que as crianças recebessem mais cuidados. Daí surgiu o recreio direcionado. As crianças escolhem de quais brincadeiras elas querem participar e o resultado é um intervalo tranqüilo.

"Melhorando o relacionamento com os pais cresce o rendimento acadêmico dos alunos e os cuidados

com o colégio", explica o diretor do colégio da Ceilândia, José Luís Pereira. "Hoje eu tenho muito zelo pela escola", confirma Nelson Gonçalves, que vez ou outra a rodeia para ver se o muro está em boas condições ou se não há lixo acumulado no terreno ao lado.

"Acho que nunca devemos deixar de reivindicar do governo uma escola melhor. Mas se falta uma série de recursos, o que fazemos? Deixamos as crianças em uma escola ruim?", indaga Lêda.